

SIMPÓSIO TEMÁTICO 19:

Enquadres cognitivos na linguagem em uso: perspectivas pragmáticas e sociocognitivas da conceptualização

Coordenadores: Edwiges Morato (UNICAMP) e Heronides Moura (UFSC)

A figuratividade como enquadre cognitivo na conceptualização por pessoas com afasia

Autores: Nathalia Luiz de Freitas ¹

Instituição: ¹ Unicamp - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Entre os enquadres cognitivos engendrados na linguagem em uso, processos figurativos (metáforas, analogias, comparações, idiomáticos, provérbios) consistem em fenômenos que permitem observarmos a constituição mútua entre conceptualização e práticas linguísticas. De natureza linguística e conceptual (MOURA, 2003), a figuratividade caracteriza-se pela identificação semântica de estruturas linguísticas, inferenciação, perspectivação intersubjetiva, representação da experiência, instanciação de vários tipos de conhecimento e realização de implicaturas, que levam à categorização. Sendo a afasia definida pela literatura tradicional como patologia decorrente de alterações essencialmente (meta)linguísticas - relativas ao sistema linguístico (JAKOBSON, 1981; LEBRUN, 1983), estudos neurobiológicos de base biomédica, geralmente, tratam a figuratividade, nas afasias, em termos de metalinguagem stricto sensu, reduzindo a linguagem a um sistema fechado em si mesmo e subordinado à esfera psicológica. Modelos explicativos psicossociais entendem, contudo, que, na semiologia afásica, a linguagem, direta/indiretamente, concerne a outros processos cognitivos interatuantes na construção do sentido (MORATO et al., 2010; MORATO, 2012). Dadas a complexidade do fenômeno figurativo e as concepções subjacentes à nosologia biomédica, objetivamos investigar a emergência de processos figurativos na interação de afásicos, de modo a analisar o funcionamento da figuratividade como índice para a constituição do fenômeno da conceptualização nessa patologia. Inscrevemo-nos numa perspectiva teórico-metodológica sociocognitiva de cunho interacionista (TOMASELLO, 2003) e discursivo, sendo o nosso corpus proveniente de episódios interativos com participantes do Centro de Convivência de Afásicos – CCA/UNICAMP. As análises preliminares dos dados revelam que, em condições afásicas, as pessoas continuam produzindo construções figurativas, especialmente metáforas e idiomáticos verbais e não-verbais, evidenciando a preservação da capacidade de conceptualizar figurativamente em práticas linguísticas. As expressões figurativas produzidas indicam que esses enquadres cognitivos são tributários da dimensão multimodal da conceptualização que lhes atribui maleabilidade sociocognitiva, pragmática e linguística, além de sugerirem uma relação de interconstituição entre linguagem e cognição e de continuidade entre o normal e o patológico.

Palavras-chave: figuratividade, conceptualização, afasia, multimodalidade

Análise da alternância dos pronomes tu/você/ocê/cê na fala de porto nacional (to) à luz da sociolinguística cognitiva

Autores: Daniel Marra da Silva ^{1,1}, Maria Rilda Alves da Silva Martins ^{1,1}

Instituição: ¹ IFTO/UFT - Instituto Federal Tocantins/ Universidade Federal Tocantins, ² IFTO/UFT - Instituto Federal Tocantins / Universidade Federal Tocantins

Resumo: Nesta investigação, analisamos a alternância dos pronomes tu/você e suas variantes na fala da comunidade urbana de Porto Nacional – Tocantins, município localizado na região central do estado, à 62 km da capital Palmas, norte do Brasil. Partimos da hipótese de que um mesmo falante utiliza duas ou mais variantes em seu discurso e que essas alternâncias não são aleatórias, mas condicionadas por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. A fim de compreendermos o processo de alternância dessas variantes, sobretudo, a percepção que os próprios falantes têm da variabilidade, buscamos amparo no novo viés teórico-metodológico proposto pela sociolinguística cognitiva, que propõe estudar amplamente a natureza experiencial do significado, levando em consideração que as escolhas linguísticas que os falantes fazem no discurso são determinadas por diferentes fatores: escolhas lexicais de conceitos específicos determinados pela situação sócio discursiva e outras escolhas lexicais que tem a ver, não com diferenças de conceitos,

mas com diferenças sociolinguísticas, estilísticas ou pragmáticas (SOARES DA SILVA, 2009). A partir do diálogo com a sociolinguística variacionista de Labov (1972 [2008]), sociolinguística cognitiva proposto por Moreno (2012) e Augusto Soares da Silva (2009), pragmática/discursiva - Dijk (2012), e semântica proposto por Geeraerts (2006) e Soares e Silva (2009), que analisamos a alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense. Para a constituição do corpus, selecionamos 54 falantes estratificados nas faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e mais de cinquenta e seis (56) anos de idade. Em relação ao nível de escolaridade, selecionamos falantes do Ensino Fundamental (completo e incompleto), Ensino Médio e Ensino Superior. Gênero/sexo: feminino e masculino. Para a realização das análises quantitativas dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDBVARD X.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista, sociolinguística cognitiva, variação linguística

Análise da alternância dos pronomes tu/você/ocê/cê na fala de porto nacional (to) à luz da sociolinguística cognitiva

Autores: Maria Rilda Alves da Silva Martins ³, Carine Haupt Orientadora ², Daniel Marra da Silva Coorientador ³

Instituição: ¹ UFT/IFTO - Maria Rilda A. da S. Martins UFT rilda_gestar@ifto.edu.br, ² UFT - Carine Haupt (UFT) -Orientadora CARINEH@uft.edu.br, ³ UFT/IFTO - Daniel Marra da Silva -Coorientador danielmarra@ifto.edu.br

Resumo: Nesta investigação, analisamos a alternância dos pronomes tu/você e suas variantes na fala da comunidade urbana de Porto Nacional – Tocantins, município localizado na região central do estado, à 62 km da capital Palmas, norte do Brasil. Partimos da hipótese de que um mesmo falante utiliza duas ou mais variantes em seu discurso e que essas alternâncias não são aleatórias, mas condicionadas por fatores linguísticos, sociais e cognitivos. A fim de compreendermos o processo de alternância dessas variantes, sobretudo, a percepção que os próprios falantes têm da variabilidade, buscamos amparo no novo viés teórico-metodológico proposto pela sociolinguística cognitiva, que propõe estudar amplamente a natureza experiencial do significado, levando em consideração que as escolhas linguísticas que os falantes fazem no discurso são determinadas por diferentes fatores: escolhas lexicais de conceitos específicos determinados pela situação sócio discursiva e outras escolhas lexicais que tem a ver, não com diferenças de conceitos, mas com diferenças sociolinguísticas, estilísticas ou pragmáticas (SOARES DA SILVA, 2009). A partir do diálogo com a sociolinguística variacionista de Labov (1972 [2008]), sociolinguística cognitiva proposto por Moreno (2012) e Augusto Soares da Silva (2009), pragmática/discursiva - Dijk (2012), e semântica proposto por Geeraerts (2006) e Soares e Silva (2009), que analisamos a alternância da segunda pessoa do singular no falar portuense. Para a constituição do corpus, selecionamos 54 falantes estratificados nas faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e mais de cinquenta e seis (56) anos de idade. Em relação ao nível de escolaridade, selecionamos falantes do Ensino Fundamental (completo e incompleto), Ensino Médio e Ensino Superior. Gênero/sexo: feminino e masculino. Para a realização das análises quantitativas dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDBVARDX.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista, sociolinguística cognitiva, variação linguística

Ancoragem sociocognitiva da atividade referencial

Autores: Edwiges Maria Morato ¹

Instituição: ¹ UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: As práticas linguísticas e interacionais podem ser vistas como um locus de grande importância para a observação de uma relação mutuamente constitutiva entre conceptualização e interação. Nesta comunicação, pretendemos apontar que enquadres cognitivos como os frames poderiam funcionar como uma “âncora cognitiva” (MARCUSCHI, 2005; SCHWARZ, 2000) para a atividade referencial na conversação, atuando de maneira “indexical” no desenvolvimento e gestão do tópico e na coesividade comunicacional. Em relação a seus papéis na progressão tópica, os frames atuam como âncoras mais externas e os processos referenciais como âncoras mais internas (SCHWARZ, 2000; KAMP, 2011) na construção do sentido. O reconhecimento inicial de uma âncora mais textual/interna e mais contextual/externa (como um referente textual ou um frame) pode decidir o padrão da significação. Ou seja, quando estão envolvidos na dinâmica conversacional, os interagentes indicam a variedade das âncoras que atuam na atividade referencial e na ativação de frames. Referências bibliográficas: MARCUSCHI, L. A. A

construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 49-77. KAMP, H. 2011. *Representing de se thoughts and their reports*. Ms. Austin/Stuttgart. http://nasslli2012.com/files/kamp_2011.pdf SCHWARZ, M. *Indirekte Anaphern in Texten*. Tübingen: Niemeyer, 2000.

Palavras-chave: referência, frame, conversação, interação, cognição

Conceptualização e ponto de vista na descrição semântica das categorias dêiticas de “nós” e “a gente”

Autores: Viviane Fontes ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar os diferentes sentidos que compõem a categoria dêitica formada pelas formas “nós” e “a gente”, detalhando os seus respectivos processos cognitivos com base nas noções de ponto de vista e construal (Langacker, 2008). Nesse contexto teórico, cabe destacar as contribuições da Linguística Cognitiva a respeito da construção do significado a partir do fenômeno da conceptualização, que alinha o conteúdo conceptual ao ponto de vista do falante. Assim, o ato de conceptualizar revela uma experiência mental que possibilita a elaboração de estratégias cognitivas diferentes de construção do significado linguístico. Diante disso, defendemos que a diferença entre as formas dêiticas “nós” e “a gente” evidenciam mapeamentos cognitivos diversificados de conceptualização associados a determinados propósitos comunicativos que determinam o ponto de vista do falante na interação. Em busca de uma análise contextualizada desses dêiticos, foram selecionados dados de fala espontânea de origem midiática, em debates políticos eleitorais entre candidatos a cargos de gerência pública, como prefeito e presidente. Numa análise preliminar, verificou-se que o uso de “nós” revela uma conceptualização que torna mais saliente a identificação individual dos participantes da cena comunicativa, colocando em proeminência a referência dêitica ao falante e a seu(s) interlocutor(es) na interação. Já com relação ao uso de “a gente”, percebeu-se que o construal estabelecido a partir dessa expressão minimiza a referência aos participantes da cena, deixando em destaque a relação que se estabelece entre eles. A realização do fenômeno linguístico em questão reafirma a defesa de que a forma se caracteriza como pista para a construção do significado, que, por sua vez, envolve diferentes operações de construal e estratégias pragmáticas diversificadas.

Palavras-chave: conceptualização, dêixis, ponto de vista

Diferentes usos interacionais do pronome dativo galego

Autores: Cecilia Farias de Souza ¹

Instituição: ¹ USP - Universidade de São Paulo

Resumo: Assim como outras línguas, o galego tem um uso dos pronomes dativos que vai além da codificação dos participantes de um evento denotado pelo verbo ou por qualquer outro item lexical que codifique uma relação que envolva participantes. Enquanto algumas formas do pronome dativo se referem a um dos argumentos do verbo (“Dei-che un regalo”), outras têm um uso de caráter pragmático (“Quen che me dera!”, “Meu fillo sacou-me moi boas notas”). O percurso escolhido para descrever esse segundo uso, chamado aqui de dativo interacional, foi estudar a semântica do caso dativo, partindo da Teoria dos Protótipos e os processos de categorização humana (segundo Rosch, Langacker, Lakoff, e outros) para compreender o que seria uma relação dativa prototípica, e, a partir dessa, pensar nos usos pragmáticos como extensões da semântica de Caso, conforme as discussões propostas por Janda (1988, 2004) e Fried (2011) para o tcheco, e Haddad (2013) para o árabe libanês. Verifiquei que, quando se usa o pronome interacional, a esfera de afetação do dativo se expande, mapeando a relação dativa para os participantes da interação. Porém, o pronome interacional pode afetar os interlocutores de diferentes formas. O falante pode usá-lo para envolver o interlocutor na narração, buscando criar solidariedade ou cumplicidade com o evento narrado (“Non che me gusta nada ese vestido”); nesse caso, temos o dativo interacional de solidariedade. Por outro lado, o pronome também pode indicar a pessoa que é afetada, positiva ou negativamente, pelo evento narrado (“Non me sexas mentireiro”), caso do dativo interacional de interesse. Apresentarei os resultados da pesquisa sobre esses dois diferentes usos interacionais, descrevendo suas funções na interação linguística, bem como suas contribuições à construção do significado do enunciado em que se encontram.

Palavras-chave: dativo interacional, galego, gramática cognitiva

Falando sobre experiências interculturais: o ‘salto’ cognitivo para o universo do outro

Autores: Ulrike Schroeder ¹

Instituição: ¹ UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Com base em análises de sequências filmadas nas quais intercambistas falam sobre suas experiências no exterior, mostrarei como eles conceitualizam tais vivências no plano verbal, vocal e visual-corporal. Os dados provêm do projeto desenvolvido pelo Núcleo Estudos de Comunicação (Inter-)Cultural em Interação – NUCOI que iniciou suas atividades na UFMG em 2012 (< <http://www.letras.ufmg.br/nucleos/nucoi/> >). O objetivo deste projeto contínuo é a criação de um corpus de vídeos e suas transcrições, que se baseiam em interações eliciadas entre participantes de culturas diferentes, bem como entre participantes que tenham o mesmo pano de fundo linguístico e cultural, para fins de comparação. No centro das conversas estão tópicos cotidianos e interculturais. Ao tomar como referencial teórico a Linguística Interacional (Couper-Kuhlen & Selting 1996; Hakulinen & Selting 2005; Selting & Couper-Kuhlen 2001) e a abordagem sobre a metáfora cognitiva na sua expressão multimodal-gestual (Cienki & Müller 2008; Müller 2008; Müller, Fricke, Ellen et al. 2013a, b), ilustrarei como a coocorrência de meios lexicais, prosódicos, gestuais e mímicos formam características estilísticas como pistas de contextualização (Gumperz 1982) por meio das quais os participantes da fala-em-interação coconstruem suas experiências de forma criativa. Sendo assim, a experiência do ‘outro’ (otherness), bem como os ‘abismos’ entre as culturas e o momento do ‘salto’ para o outro universo incógnito são exibidos metaforicamente por elementos como olhos vastamente esbugalhados, pulos entonacionais, alongamentos, inspirações audíveis, acentos focais extra fortes, expressões lexicais e interjeições de constrangimento e estupefação, bem como gestos que metonimicamente refletem modelos culturais (Sharifian 2015), embasados, por exemplo, em esquemas como STRENGTH e LOOSENESS (Kövecses 2002).

Palavras-chave: linguística cultural, metáfora multimodal, linguística interacional

Frames de compreensão como aporte metodológico na descrição de conceptualizações: estudo de caso da ADPF 54

Autores: Aline Nardes dos Santos ¹, Rove Chishman ¹

Instituição: ¹ Unisinos - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: Este trabalho objetiva discutir o frame de compreensão como procedimento analítico na investigação das diferentes conceptualizações de feto anencéfalo, a partir do processo da ADPF 54 – cuja decisão final autorizou a interrupção de gravidez de fetos anencefálicos no Brasil. Toma-se, como conceito de frame, a proposta fillmoriana de frame de compreensão (FILLMORE, 1982; ZIEM, 2014), o qual implica um espaço de compreensão ativado por determinado uso linguístico, que abrange conhecimento enciclopédico. A partir desse conhecimento prévio, considera-se que uma palavra sempre resulta em algum tipo de perfilamento ou saliência, por meio da qual é possível compreendê-la (GAWRON, 2008). Como corpus de estudo, foram utilizados o acórdão da ADPF 54 e as notas taquigráficas que registram os depoimentos das quatro audiências públicas realizadas durante o processo; esses dados foram processados pela ferramenta Sketch Engine. O primeiro passo da análise consistiu na descrição do frame feto anencéfalo a partir das facetas de conhecimento presentes em cada subcorpus, seguindo-se a metodologia de identificação de slots proposta por Ziem (2014). Em seguida, verificou-se como essas facetas resultavam em perfilamentos diferentes. Os resultados indicaram que essa abordagem dos frames de compreensão proporcionou uma metodologia sistemática para exploração com base em corpora, pois permitiu a identificação dos diferentes slots que constituem o frame feto anencéfalo nesse contexto específico, a partir de dados empíricos. No entanto, em que pese o processamento automático de corpora para a descrição de frames, essa abordagem demanda uma classificação manual e interpretativa dos dados coletados. Dessa forma, os critérios de descrição desse frame implicaram uma adaptação da abordagem de Ziem conforme os propósitos da investigação, aspecto cuja pertinência para outras análises, ou para outros tipos de corpora, necessita ser verificada.

Palavras-chave: semântica cognitiva, frames de compreensão, perfilamento, ADPF 54

Frames semânticos e conceptualização na tradução de termos culturalmente marcados: para além da equivalência

Autores: Anderson Bertoldi ¹

Instituição: ¹ UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo: Neste trabalho discute-se a importância das noções de frame semântico (FILLMORE, 1982) e conceptualização (LANGACKER, 2008) para a compreensão do fenômeno da equivalência de tradução de termos culturalmente marcados. Para investigar a equivalência de tradução desses termos, foram selecionados, em Casa-grande & senzala (FREYRE, 1998[1933]), termos relacionados à estrutura escravocrata da produção açucareira, como senzala, casa-grande, engenho e senhor de engenho. Os termos selecionados foram, então, comparados com os equivalentes de tradução das versões em inglês e em italiano. A metodologia deste trabalho seguiu os princípios da Linguística de Corpus: os textos foram digitalizados, corrigidos e as ocorrências para cada termo analisado foram alinhadas nas três línguas. Identificou-se um tratamento distinto na tradução para o inglês daquele dispensado aos mesmos termos na tradução para o italiano. Por exemplo, enquanto o texto em italiano apresenta como equivalentes para o termo casa-grande expressões como casa padronale (casa dos patrões), casa padronale della raffineria (casa patronal da refinaria), no texto em inglês o único equivalente apresentado pelo tradutor foi big house (casa grande). O termo senzala em italiano apresentou como equivalentes dimore degli schiavi (habitação dos escravos), abitazioni degli schiavi (residência dos escravos); já na tradução para o inglês, os equivalentes encontrados foram slave hut (cabana dos escravos), slave quarters (abrigo dos escravos), slave shed (cabana dos escravos). Esses dados podem indicar que os tradutores, ao se depararem com palavras sem equivalente na língua-alvo, acabam buscando frames similares na cultura da língua-alvo. É o que ocorre com a tradução em inglês: um empréstimo de termos do frame PLANTATION para suprir a falta de equivalência para os termos do frame ENGENHO. Por outro lado, os dados da língua italiana indicam que, não havendo um frame similar, a conceptualização dos novos termos baseia-se em conceitos mais genéricos e estáveis, como casa ou habitação.

Palavras-chave: conceptualização, frames semânticos, tradução

Identificando o paciente da ação verbal: qual o papel do contexto?

Autores: Heronides Moura ¹

Instituição: ¹ UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Neste trabalho, pretendo analisar um conceito semântico clássico (o conceito de paciente da ação verbal), com base numa revisão da natureza simbólica das línguas naturais. Para a análise, vou me basear numa relação ternária do signo (forma, sentido e contexto), e não numa relação binária (forma e sentido). Essa relação ternária provoca uma revisão do pareamento entre forma e sentido. Proponho que a relação entre forma e sentido é diretamente afetada pelo contexto. Vou analisar a presença ou não de pacientes em sentenças transitivas, com foco no suposto pareamento entre paciente e objeto direto. O paciente é a entidade afetada pela ação indicada pelo verbo. No entanto, a identificação do paciente apresenta várias dificuldades. Em primeiro lugar, não é um atributo específico de uma entidade ser um paciente. A afetação do paciente depende da classe de verbos com o qual ele se combina em proposições específicas. Em muitos casos, nem mesmo a classe de verbos permite definir se a entidade é afetada ou não, sendo necessário recorrer a um contexto mais amplo para se definir se uma dada entidade é interpretada como um paciente. Além disso, pretendo mostrar que o paciente ocorre em outras funções sintáticas, distintas do objeto direto.

Palavras-chave: cognição, pareamento forma sentido, paciente

Intersubjetividade e construções epistêmicas complexas

Autores: Sandra Almeida ¹

Instituição: ¹ UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este trabalho visa a discutir a noção de (inter)subjetividade (Langacker, 1987, 1990, 2008; Traugott & Dasher, 2005; Verhagen, 2005; e Nuyts, 2001) como um elo conceptual entre as construções completivas epistêmicas, em especial aquelas de moldura sintática [SN VEpist [Ø S]] e [SN VEpist [that S]]. Com base no Corolário A do Princípio da Não-Sinonímia proposto por Goldberg (1995) – se duas

construções são S(emanticamente) sinônimas, elas não podem ser P(ragmaticamente) sinônimas - argumenta-se que as construções do tipo [SN VEpist [Ø S]] sinalizam (inter)subjetividade na medida em que implicam alinhamento de perspectivas ativadas no discurso, enquanto que as construções do tipo [SN VEpist [that S]] sinalizam intersubjetividade por meio de não-alinhamento de perspectivas. Construções do tipo [SN VEpist [that S]] tendem a co-ocorrer com outras construções intersubjetivas complexas, como as construções pseudo-clivadas, as construções condicionais, as construções interrogativas e as construções negativas. Ainda segundo Goldberg (1995), no que diz respeito aos princípios gerais de herança, uma determinada construção é uma instância de outra “se e somente se uma construção é uma versão mais específica de outra” (Goldberg, 1995, p.79), o que implica que elas são mutuamente motivadas. Com base em dados reais de fala, postula-se que o conceito de intersubjetividade se verifica tanto no plano linguístico, em termos explícitos à estrutura linguística, demonstrando atenção à perspectiva oferecida pelo interlocutor; quanto em termos implícitos, na atitude do falante ao conceptualizar o evento de fala sob uma determinada perspectiva, que não se encontra alinhada com as demais. Os dados analisados confirmam a hipótese de que as construções sintáticas em destaque exibem intersubjetividade tanto em termos implícitos quanto explícitos, permitindo reivindicar o conceito como um elo conceptual que une essas construções em rede.

Palavras-chave: gramática das construções, construções completivas epistêmicas, intersubjetividade

Metaforicidade em capas de revista: o papel do reconhecimento de metáforas no discurso de mídia

Autores: Dalby Dienstbach Hubert ¹
Instituição: ¹ UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo: Muitas são as investigações que, amparadas na abordagem conceptual da metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1993), atestam a ocorrência e, sobretudo, a importância desse fenômeno no e para o discurso de mídia (do jornalístico e da publicidade) (por exemplo, MÜLLER, 2008; FORCEVILLE; URIUS APARISI, 2009; ESPÍNDOLA, 2010; STEEN et al., 2010; VEREZA, 2010). Nesse contexto, este trabalho busca avançar as discussões sobre o comportamento e o papel da linguagem metafórica nesse domínio discursivo. Para tanto, ele se debruça sobre um aspecto particular das metáforas – especificamente, a sua metaforicidade (ou, ainda, a possibilidade do seu reconhecimento como tais) – e os efeitos que esse aspecto teria na realização de capas de revista. O estudo que se propõe aqui parte, em primeiro lugar, de um breve esclarecimento da noção de metaforicidade (por exemplo, GOATLY, 1997; MÜLLER, *ibid.*; DIENSTBACH, no prelo). Em seguida, lança-se à identificação de expressões metafóricas em um corpus de capas de revista – de escopo geral e de circulação semanal – e, a partir disso, ao levantamento dos eventuais recursos de metaforicidade dessas expressões e à análise qualitativa das possíveis relações desses recursos com aspectos específicos daquele gênero. Um resultado significativo deste estudo mostra que recursos de metaforicidade – tais como mídias visuais (MÜLLER, *ibid.*), saturação metafórica (VEREZA, 2007) e posição (STEEN, 2002, 2004) – são tão recorrentes e ativos em capas de revista quanto a ocorrência da linguagem metafórica mesma. Por fim, o que se verifica é que, se, por um lado, a metaforicidade típica da linguagem metafórica presente em capas de revista parece desempenhar um papel crucial para os propósitos e funções próprias do discurso de mídia, por outro, ela pode definir propriedades que caracterizam, de maneira substancial, os seus participantes, as práticas sociais em que esse gênero é evocado e o próprio produto.

Palavras-chave: metáfora, metaforicidade, discurso de mídia

Motivação conceptual na gramática: instabilidade categorial em formas modificadas por marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa

Autores: Vítor de Moura Vivas ¹
Instituição: ¹ IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

Resumo: Formas modificadas por afixos de modo-tempo-aspecto (MTA) e número-pessoa (NP) podem apresentar mudança de classe e de significado, o que evidencia que a visão discreta que separa flexão e derivação não dá conta plenamente dos dados do português. Confirmam essa afirmação exemplos das formas nominais, mais especificamente o particípio, que apresentam classe flexível ('a cantada' – substantivo, 'tinha cantado' – verbo, 'música cantada' - adjetivo) ; as palavras desenvolvidas em MTA e NP que atuam como interjeições (demorou!; formou!) ou adjetivos (roupa 'cheguei'; verde 'choquei') e podem servir como bases para a expansão lexical ('porta-copos'; 'bate-entope'). Devemos ressaltar que, o ser categorizado como substantivo, a nomeação, através da forma de particípio

ocorre por metáfora ou metonímia (aspecto semântico): 'a cantada', 'a roubada', 'o imposto', 'o visto', 'a descoberta' (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; CROFT, 1993; SILVA, 2006; VIVAS, 2010). Verificamos que, em todos esses casos de instabilidade categorial em construções, há uma motivação cognitiva que explica os padrões. Para dar conta das motivações semânticas dos padrões de mudança de classe e de significado apresentados por palavras modificadas por MTA e NP, utilizamos Langacker (1987; 2008). Através deste aporte teórico, defendemos a hipótese de que, sempre que ocorre algum tipo de alteração categorial nos nossos dados, esta é sustentada por uma mudança na conceptualização cognitiva das cenas. Outro conceito de Langacker (2008) relevante ao trabalho é flexibilidade conceptual. O fato de marcas de MTA e NP instanciarem, em construções, a formação de substantivos, adjetivos, interjeições e atuarem na criação de palavras não impede que os usos verbais continuem existindo. Também é relevante ao trabalho o aporte teórico de Bybee (2010), já que entendemos que ocorrem chunkings morfológicos na produção desses padrões não-verbais em construções com MTA e NP, levando à perda de composicionalidade, de analisabilidade e a uma mudança semântica/pragmática.

Palavras-chave: verbo, classificação, conceptualização, morfologia, instabilidade

Perspectivações da experiência grupal por meio de frames

Autores: Rafahel Jean Parintins Lima ¹

Instituição: ¹ IEL/UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: O objetivo deste trabalho é aprofundar o entendimento sobre processos textuais de perspectivação por participantes do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP) em relação a suas experiências nesse grupo. Adotamos neste trabalho uma perspectiva sociocognitiva da Linguística Textual (MARCUSCHI, 2007; KOCH, 2009; BENTES & REZENDE, 2008), focalizando analiticamente a ativação dinâmica de frames (ENSINK, 2003; CIENKI, 2007; MIRANDA & BERNARDO, 2013; VEREZA, 2013; MORATO & BENTES, 2013) em processos de categorização e de predicação (KOCH & MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2009) pelos participantes do grupo do CCA. O corpus analisado consiste em entrevistas semidirigidas com os participantes do CCA sobre suas experiências sociais no grupo. Realizamos o levantamento de frames ativados por meio de categorizações e predicações tendo como base as identificações de frames pelos projetos FrameNet (ICSI) e FrameNet Brasil (UFJF). Os resultados indicam que elementos de determinados frames deixam de ser explicitados de forma a indicar a mobilização de um common ground em torno da afasia e do próprio estatuto do grupo, seus objetivos e funções sociais. Os frames ativados pelos participantes evocam suas experiências externas e internas ao grupo de modo a colocar em relevo as relações sociais entre os participantes e os processos sociais que ocorrem no grupo. O enquadramento dos participantes afásicos como parte beneficiada das ações e dos processos sociais do CCA está relacionado com as relações institucionais do grupo: com a Unicamp e com o Hospital de Clínicas da Unicamp, por exemplo. Com base nesses resultados, apontamos que a perspectivação, além de ser uma implicação ou indicação da subjetividade da linguagem e da cognição, pode ser vista como a incorporação de um conjunto de experiências sociais organizadas que, por sua vez, organiza frames e construções textuais com vistas a determinadas metas interativas.

Palavras-chave: frame, perspectivação, afasia, grupo

Teoria da Mente e Aquisição de Implicatura Escalar

Autores: Renato Caruso Vieira ¹

Instituição: ¹ USP - Universidade de São Paulo

Resumo: A debilidade na compreensão de inferências pragmáticas por parte de portadores do Transtorno do Espectro Autista é tradicionalmente atribuída a uma Teoria da Mente subdesenvolvida. Entretanto, Happé (1993), testando metáforas e ironias, descobriu diferentes graus de capacidade de mind-reading nessa população, de tal maneira que a deficiência na identificação da intenção de ironia nem sempre compromete a interpretação da intenção de metáfora. A autora recorre ao modelo inferencial da Teoria de Relevância (Sperber & Wilson, 1986) para explicar tal "fracionamento" da Teoria da Mente. Em estudo distinto, Pijnacker et al. (2009) identificaram em portadores desse Transtorno capacidade análoga à do grupo de controle no domínio de implicatura escalar. Estudos clássicos em aquisição de implicatura escalar (e.g. Noveck, 2001) indicam a incapacidade infantil de calcular tais inferências, responsabilizando pelo comportamento das crianças o desconhecimento das máximas griceanas de quantidade. Entretanto, Papafragou & Tantalou (2004) demonstraram que, mediante um arranjo experimental que adequadamente simule conversas reais, no qual a intenção inferencial do falante é destacada, crianças de 4 anos já são

bem-sucedidas em teste de implicatura escalar, sugerindo a competência desses sujeitos em calcular inferências pragmáticas. Sabe-se, porém, que a compreensão adulta de intenção de ironia não acontece antes dos 8 anos enquanto que a de metáfora já amadurece aos 4 ou 5 (cf. Winner & Gardner, 1993). Propomos a expansão da perspectiva de Happé (1993) também à observação do comportamento infantil mediante inferências pragmáticas e, em particular, implicatura escalar: o desenvolvimento da Teoria da Mente respeita estágios configurados por princípios da Teoria de Relevância, segundo a qual metáforas exigem apenas o entendimento de intenção de nível correspondente à Teoria da Mente de primeira ordem, mesma posição no modelo onde localizamos o cálculo de implicatura escalar, em uma hipótese que define, dessa maneira, a habilidade necessária para o amadurecimento desse tipo de inferência.

Palavras-chave: aquisição de linguagem, implicatura escalar, pragmática, teoria da mente, teoria de relevância

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.